



Universidade Federal
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação
Campus de Cajazeiras - PB



CRISTIANE VIRGOLVINA RODRIGUES

**OS JOGOS E BRINCADEIRAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

CAJAZEIRAS-PB

2014

CRISTIANE VIRGOLVINA RODRIGUES

**OS JOGOS E BRINCADEIRAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a banca examinadora da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia sob a orientação da professora Ms^a Ednaura Almeida de Araújo.

CAJAZEIRAS-PB

2014

CRISTIANE VIRGOLVINA RODRIGUES

**OS JOGOS E BRINCADEIRAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a banca examinadora da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial a obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia sob a orientação da Ms^a Edinaura Almeida de Araújo.

Aprovada em _____ de _____ de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ms. Edinaura Almeida de Araujo (UFCG)

Orientadora

Prof.^a Dr. Maria de Lourdes Campos (UFCG)

Examinador(a)

Prof.^a Ms. Maria Janete de Lima (UFCG)

Examinador (a)

Aos meus pais, ao meu esposo e aos meus filhos pelo carinho e pelo incentivo. **DEDICO**

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter sido tão maravilhoso comigo nesta caminhada.

A minha família, meus pais, meu esposo e meus filhos por ter me dado força e coragem sempre que precisei.

A todos os professores do Curso de Pedagogia pela inteira disposição, pelos ensinamentos e por compartilhar dos seus conhecimentos para que fossemos capazes de desfrutar do melhor saber.

Ser educador é conhecer e conscientizar-se do seu papel social para poder transformar o meio e ser transformado, como também perceber os efeitos desta transformação, pela sua própria criação. (PAULO FREIRE)

RESUMO

O presente trabalho investiga os jogos e as brincadeiras como uma ferramenta de grande utilidade enquanto metodologia de ensino para o desenvolvimento do raciocínio lógico, a vivência de situações diversas, a troca de ideias e a busca por uma autonomia crítica e tem como objetivo analisar como os professores dos anos iniciais do ensino fundamental trabalham as atividades lúdicas no cotidiano da sala de aula, percebendo sua importância na educação e reconhecendo os jogos e brincadeiras como instrumentos mediadores da aprendizagem. Para a realização do trabalho utilizou-se como metodologia uma pesquisa com educadores do ensino fundamental através da aplicação de um questionário que permitiu compreender como o lúdico é utilizado como recurso didático na formação do educando. O presente estudo tem como objetivo, analisar questões referentes aos jogos e brincadeiras, como metodologia de ensino e aprendizagem, destacando que as atividades lúdicas desenvolvem os aspectos afetivo, cognitivo e social das crianças. A pesquisa de campo teve como público alvo 07 (sete) professores, que lecionam no 2º ano dos anos iniciais do ensino fundamental, em escolas públicas municipais e Estaduais da cidade de Cajazeiras-PB. Para a coleta de dados foi utilizado um questionário com 13 questões subjetivas e objetivas. Ressaltando que esse procedimento metodológico realizado com os professores foi fundamental para a construção deste trabalho. A utilização do questionário com os professores permitiu que os mesmos expressassem com mais segurança, possibilitando uma maior rapidez na coleta e análise dos dados. Além das informações obtidas com o questionário, foram utilizados como suporte teórico os dados bibliográficos relacionados às temáticas.

Palavras-chave: Aprendizagem. Brincadeira. Desenvolvimento. Jogos.

ABSTRACT

This paper investigates the games and play as a tool of great use while teaching methodology for the development of logical reasoning , the experience of different situations , the exchange of ideas and the search for autonomy and critical aims to analyze how teachers the early years of elementary school work , play activities in the daily life of the classroom , realizing its importance in education and recognizing the games and play instruments as mediators of learning . To carry out the work was used as a research methodology with educators from elementary school through a questionnaire that allows us to understand how the play is used as a teaching resource in the formation of this educando.O study aims to analyze issues relating to games and activities , such as teaching methodology and learning , highlighting the playful activities develop the affective , cognitive and social aspects of children. Field research has targeted public seven (07) teachers , who teach in the 2nd year of the early years of elementary education, municipal and state public schools in Cajazeiras -PB . To collect data, a questionnaire with 13 questions was subjective and objective used . Noting that this methodological procedure performed with the teachers was fundamental to the construction of this work . The use of the questionnaire with teachers allowed them to express more securely , allowing for faster collection and analysis of data . In addition to the information obtained from the questionnaire were used as theoretical support bibliographic data related to the themes .

Keywords: Learning. Play. Development. Games.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CFB – Constituição Federal Brasileira

DCN – Diretrizes Curriculares Nacionais

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

IQEI – Indicadores de Qualidade na Educação Infantil

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

PCN - Parâmetro Curricular Nacional

PNEI – Política Nacional de Educação Infantil

PNPI – Plano Nacional pela Primeira Infância

RCNEI – Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	COMPREENDENDO A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: BREVE REFLEXÃO	12
2.1	A educação no Brasil e o cuidado com a infância.....	16
3	HISTORICIZANDO JOGOS E BRINCADEIRAS	23
3.1	Infância: a escolarização, o lúdico e o brinquedo.....	25
3.2	O lúdico na escola.....	28
3.3	Os jogos e brincadeiras nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.....	29
4	ANALISANDO OS DADOS, COMPREENDENDO CONCEITOS E O PERCURSO DA PESQUISA	33
4.1	Procedimentos metodológicos.....	33
4.2	Análise dos dados.....	34
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
	REFERÊNCIAS	42
	APÊNDICE	45

1 INTRODUÇÃO

Os jogos e as brincadeiras são utilizados na educação fundamental como ferramenta de grande utilidade enquanto metodologia de ensino, considerando que o lúdico tem como principais objetivos o desenvolvimento do raciocínio lógico, a vivência de situações diversas, a troca de ideias e a busca por uma autonomia crítica, atividades estas presentes nas atividades educacionais.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é analisar como os professores dos anos iniciais do ensino fundamental trabalham as atividades lúdicas no cotidiano da sala de aula, percebendo sua importância na educação infantil, reconhecendo os jogos e brincadeiras como instrumentos mediadores da aprendizagem nesse nível de ensino. Também buscará mostrar o quanto o lúdico pode ser um instrumento indispensável na aprendizagem e desenvolvimento na vida da criança.

Nas sociedades de mudanças aceleradas em que vivemos, somos sempre levados a adquirir novos conhecimentos. E a utilização de jogos e brincadeiras no processo pedagógico adquire um caráter significativo, fazendo despertar o gosto pelas atividades educativas, levando assim, as crianças a enfrentarem os desafios que surgirem.

A escolha do tema justifica-se pelo fato de que os resultados da educação, apesar de todos os seus projetos, continuam insatisfatórios, percebe-se, portanto, a necessidade de mudanças no âmbito educacional no tocante as metodologias de ensino.

Buscamos nas pesquisas, leitura e diálogo com autores um entendimento da temática e para a organização das ideias dividimos o trabalho em três capítulos. No primeiro capítulo realizamos uma breve reflexão sobre a história da educação, compreendendo que ao estudar o contexto histórico da educação é essencial conhecer o passado, para compreender às suas diferenças com o presente, o que pode auxiliar na aquisição de um melhor conhecimento na área educacional, mesmo que ainda seja reprimido pelos métodos e reformas educativas e, a partir desta contextualização histórica, os educadores tenham um conhecimento sobre o passado da sua profissão, podendo assim, modificar a sua cultura profissional em prol de uma atuação dinâmica, instigando o caráter crítico e reflexivo.

O segundo capítulo faz uma abordagem sobre a ludicidade, ressaltando sua importância na infância. Destaca também a importância de se trabalhar com o lúdico na escola e como os jogos e as brincadeiras são ferramentas de grande utilidade para o desenvolvimento das crianças. Trazemos também uma abordagem sobre os jogos e brincadeiras nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, pois os mesmos, caracterizam-se como meios eficazes de desenvolvimento e socialização de saberes.

No terceiro capítulo fazemos uma análise acerca da percepção dos educadores sobre a ludicidade, através das informações obtidas com a aplicação do questionário, vislumbrando compreender a ação docente baseada numa prática lúdica. O presente estudo tem como objetivo, analisar questões referentes aos jogos e brincadeiras, como metodologia de ensino e aprendizagem, destacando que as atividades lúdicas desenvolvem os aspectos afetivo, cognitivo e social das crianças.

A pesquisa de campo teve como público alvo 07 (sete) professores, que lecionam no 2º ano dos anos iniciais do ensino fundamental, em escolas públicas municipais e Estaduais da cidade de Cajazeiras-PB.

Por fim, destacamos como as atividades lúdicas podem contribuir de forma significativa no desenvolvimento do ser humano, não só na aprendizagem, mas também, no desenvolvimento social, pessoal e cultural, facilitando o processo de socialização, comunicação, expressão e construção do pensamento. O mesmo auxilia também na sua socialização, englobando aspectos cognitivos e afetivos, sendo um importante instrumento pedagógico, que tem o poder de melhorar a auto-estima e os conhecimentos da criança, quando utilizados com objetivos definidos.

2 COMPREENDENDO A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: BREVE REFLEXÃO

Segundo Aranha (2006, p. 24) a história da educação, não é só uma disciplina escolar, ela é um todo da realidade, por isso:

Estudar a educação e suas teorias no contexto histórico em que surgiram, para observar a concomitância entre as suas crises e as do sistema social, não significa, porém, que essa sincronia deva ser entendida como simples paralelismo entre fatos da educação e fatos políticos e sociais.

Para a autora, a educação sofre influências, por está envolvida na política, não permanecendo neutra. E na história da educação, os seus estudos sofrem os mesmos problemas da história da Pedagogia, e ao longo do tempo, com as mudanças que aconteceram apresentam as marcas de cada época e de acordo também com cada cultura. Ainda segundo Aranha (2006, p. 20):

A partir do século I a.C., a filosofia surgiu na colônia grega da Jônia (atual Turquia) como uma maneira reflexiva de pensar o mundo, que rejeita a prevalência religiosa do mito e admite a pluralidade de interpretações racionais sobre a realidade.

De acordo com a autora, a história da educação se desenvolve a partir do já existente para poder alcançar o seu objetivo, assim, a reflexão orientada pela filosofia permite uma visão não romantizada do mundo, interpretando a realidade e a própria história do homem e do seu processo educativo. Desta feita, a filosofia grega, do período antes de Cristo, já rejeitava a supremacia religiosa sobre as interpretações da realidade, contudo, ao longo dos séculos e com o desenvolvimento de civilizações percebe-se um retrocesso do processo educativo. Uma vez que, conforme Veiga (2007, p. 18):

A educação na Idade Média foi basicamente um monopólio da Igreja. Durante um bom tempo, os representantes eclesiásticos controlam os procedimentos relativos às formas de transmissão do conhecimento, da definição dos saberes e dos métodos de transmissão, bem como aos processos de concessão de licença para ensinar.

Assim, percebemos que muitos conflitos existiram, tanto na dinâmica urbana como para a administração de ensino, desde que os bispos passaram a ter poder como administradores das cidades. A Igreja se estabeleceu, acima de tudo, como intercessora cultural dos diferentes povoados. No alicerce dos seus ensinamentos permanecia a não aceitação da importância da tradição cultural grego-romana,. O entendimento da história cristã pregava valores espirituais que se centralizavam na vivência de um filho de Deus, o que ao longo do tempo foi se expandindo. A esse respeito, discorre Veiga, (2007, p.18) que:

É certo que a expansão do cristianismo não se fez sem uma pedagogia mediadora específica expressa nos rituais, cantos, arquitetura dos templos, poderes locais, pregações e sermões, mas também em escolas fundadas pela Igreja. Contudo, esse movimento de doutrinação manteve algumas das tradições da Antiguidade Clássica e da sua cultura pagã que correspondiam à necessidade de ordenar a sociedade cristã.

Era necessária uma estruturação dos estudos através da pedagogia, mas que mantinha suas tradições, sendo que, a língua da liturgia no século IV, foi à estrutura lingüística escolhida para dar significado à doutrina católica. De acordo com Veiga (2007, p. 19)

As escolas do Início da Idade Média eram dirigidas por um escolástico, ligadas a um estabelecimento religioso e submetidas a um bispo ou Abade. As denominações de escolas catedrais ou monacais diferiam basicamente em relação ao estabelecimento a que se filiavam: igrejas, catedrais ou mosteiros urbanos.

As escolas monarcais se constituíram em importantes instituições de ensino, nelas se desenvolviam aprendizados específicos sobre a orientação de abades, e apesar das diferenciações dos estabelecimentos onde se realizam os ensinamentos e aprendizados elas apresentavam traços comuns de estabilidade, oração, trabalho manual, obediência ao abade e os fundamentos da cultura religiosa que era entendido como aprendizado para a formação integral através da realização de atividades produtivas e espirituais.

A preparação dos estudos, à época, também tem origem grego-romana. Nesse período os conhecimentos eram designados aos homens livres, as chamadas “artes liberais”. segundo Veiga (2007, p. 19)

A mesma foi estabelecida inicialmente por Martianus Capella, no início do século V, não se tratando dos homens livres, mas sim, dos saberes livrescos. Contudo, “os estudos se dividiam em *trivium* (gramática latina, dialética e retórica) e *quadrivium*, (geometria, aritmética, astronomia e música).

Com a separação desses conhecimentos permanecia uma compreensão dos procedimentos do conhecer indispensáveis para o significado da vida cristã, pois o *trivium* e *quadrivium* eram as diferenças do caráter das disciplinas. O *trivium* se interligava mais com o analítico, que era da palavra e da mente, com as leis do pensar, com a confissão do pensamento e suas regras, de modo que, o *quadrivium* se relacionava ao conhecimento das coisas do mundo.

Neste sentido, aponta Veiga (2007, p. 20) que:

Ao longo do tempo de todo o período medieval é possível constatar o uso instrumental da aritmética para a elaboração dos calendários cristãos e em atividades comerciais, em especial nas regiões onde os mercados eram desenvolvidos, como no caso da Itália.

O uso dos instrumentos passa a fazer parte não só da educação cristã, como também dos mercados, dando assim, um novo significado aos estudos, de modo que, através desses instrumentos os trabalhos passaram a ser realizados de forma eficiente.

Em torno destes aspectos, Moraes (2005, p. 86) coloca que:

As escolas das Catedrais, surgidas por volta dos séculos XI e XII, proporcionaram características mais urbanas ao ensino. Sob a influência dos intelectuais muçumanos, introduziram-se nas escolas método de raciocínio grego. Assim se desenvolveu a filosofia e surgiu uma nova maneira de ver e compreender o mundo: a escolástica (de escola)

Para o autor, essas escolas surgidas nos séculos XI e XII, buscavam fornecer sustentação teórica à doutrina cristã, procurando levar o ser humano à compreensão da revelação divina. Moraes (2005, p, 87) afirma que:

o filósofo escolástico mais influente foi São Tomás de Aquino. Ele afirmava que a razão constitui um instrumento necessário para entender as verdades divinas da alma, enquanto a revelação divina tem a função de ampliar esse conhecimento.

Na concepção do autor, São Tomás de Aquino acreditava na importância da razão para o entendimento das verdades divinas da alma, de modo que, a mesma desenvolve os conhecimentos, o que amplia os saberes para com a educação. Vale salientar que, “o ensino era realizado na forma oral e tinha como base de aprendizagem o exercício da memória” (VEIGA, 2007,p.25).

Conforme Veiga (2007), o entendimento, era levado pelo princípio da carência de contradição, pela procura da coerência e concordância do discurso, o que apelavam as regras do silogismo , ou seja , a preparação de uma dedução formal a partir da apresentação de duas proposições(premissas). A qual, não se recorria a uma identificação com o sistema filosófico aristotélico, mas com a estrutura de seus textos. “Ainda assim, ocorreram muitas controvérsias quanto ao significado das palavras e às coisas que elas expressam”. (VEIGA, 2007, p.26).

Para a autora, o significado das palavras ele aceita que o real permaneça no sentido das palavras, as quais transformam os homens e desprende o mundo das palavras que explicam as coisas.

Conforme Moraes (2005, p. 88)

No final do feudalismo, a literatura ganhou novas formas e conteúdos, influenciando a produção intelectual do mundo moderno. Escritores como Dante Alighieri (autor da Divina comédia), Boccaccio (autor de Decameron) Geoffrey Chaucer (autor de contos de Canterbury) vivenciavam a decadência do universo medieval e de alguma maneira, já anunciavam, em suas obras, a emergência de uma nova situação histórica e cultural.

Na visão de Oliveira (2010, p. 11)

O nascimento do pensamento pedagógico moderno nos séculos XVI e XVII impregnando-se do pragmatismo tecnicista e do desenvolvimento científico ocorrido com a expansão mercantilista, criou novas perspectivas educacionais, que terminaram repercutindo na educação de crianças pequenas.

Assim, a educação está presente em todo o desenvolvimento humano, desde que as obrigações pela sobrevivência determinaram lutas e aprendizados, beneficiando o progresso do raciocínio. Meksenas (1990, p. 17) afirma que “foi

enfrentando com o raciocínio necessidade como alimentação, vestuário ou moradia que o gênero humano se desenvolveu”. Esse desenvolvimento não aconteceu de forma isolada, mas sim de forma coletiva, através de um processo educativo, em que os homens unidos procuravam derrotar desafios para sobreviver. Esse agrupamento foi responsável pelo surgimento da linguagem, que se desenvolveu até os dias atuais, tendo caráter simples, de modo que, cada grupo com seus costumes e comunicação, num processo permanente de aprendizado.

2.1 A educação no Brasil e o cuidado com a infância

As discussões que vem se desenvolvendo sobre a história da educação no Brasil instigam a busca de dados e concepções que possibilitem compreender como, ao longo das décadas, foi organizado e desenvolvido o processo. “Para discutir a educação no Brasil é preciso considerar o pluralismo étnico-cultural típico de nosso país, bem como sua ocupação demográfica” (VEIGA, 2007, p.49).

Segundo a autora, é importante ressaltar as etnias indígenas e seus vários costumes, e a maneira de receberem a educação de acordo com suas tradições, linguagens e rituais, assim como os africanos escravizados pela colônia portuguesa os quais pertenciam a diferentes etnias com tradições linguística e uma cultura própria de sua nação. .

. Para Veiga (2007, p. 51)

Em que pese à pluralidade étnica e social, o imaginário temporal, espacial e cultural que prevaleceu foi o da continuidade portuguesa – o que incluiu a recusa a qualquer método educacional divergente da mentalidade pedagógica da metrópole. Esta se manifestou pela religiosidade, com ênfase na conversão do gentio e na educação das mulheres, e pela manutenção do preceito de domínio do latim para os filhos dos colonizadores.

Durante todo período colonial, a educação permaneceu estagnada, seguindo preceitos religiosos e os interesses da metrópole. A partir do período imperial algumas mudanças foram acontecendo. O país teve grande desenvolvimento econômico, político e intelectual, mas a educação continuava sem receber a devida

atenção e importância. Contudo, cursos profissionalizantes em Nível Médio e Superior foram abertos com a chegada da Corte ao Brasil.

Durante as mudanças ocorridas, ainda acreditava-se que a educação com as crianças pequenas era responsabilidade da família e obrigação da mãe, não existindo ainda uma visão de infância com relação as crianças pequenas, pois as mesmas ao se tornarem independentes de suas necessidades básicas passavam a assumir responsabilidade de adulto. Como destaca Oliveira (2007, p.23).

A criança pequena era vista como pequeno adulto e, quando atravessava o período de dependência para atender as suas necessidades físicas, passava a ajudar os adultos nas atividades cotidianas, em que aprendia o básico para sua integração no meio social. Nas classes sociais mais privilegiadas, as crianças eram geralmente vistas como um objeto divino, misterioso, cuja transformação em adulto também se fazia pela direta imersão no ambiente doméstico.

Conforme citado acima, as crianças pequenas eram cuidadas, mas sua educação estava voltada para as necessidades do cotidiano, as crianças que não tinham família eram deixadas em orfanatos onde recebiam orientação para exercer atividades de adulto.

A educação sofreu mudanças com o processo de desenvolvimento humano, da qual a sociedade passou a ser mais organizada e, conseqüentemente, o surgimento da escola amplia as condições para refletir e construir uma nova dinâmica social. Vários pensadores fizeram parte desse processo, contribuindo com uma nova concepção de infância. Dentre os pensadores e pesquisadores da infância, Jean Jacques Rousseau, se destaca com suas teorias, em sua concepção acreditava na ingenuidade da criança. Para ele, era através da educação que essa ingenuidade se transformava, fazendo com que a criança pudesse viver interagindo em sociedade. Cambi (1999,p.343), destaca o pensamento de Rousseau que:

Operou uma “revolução copernicana” em pedagogia, colocando no centro da sua teorização a criança; opôs-se a todas as idéias correntes (da tradição e do século) em matéria educativa: desde o uso das fraldas até o “raciocinar” com as crianças e o primado da instrução e da formação moral; elaborou uma nova imagem da infância, vista como próxima do homem por natureza, bom e animado pela piedade, sociável, mas também autônomo, como articulada em etapas sucessivas (da primeira infância à adolescência) bastante diversas entre si por capacidades cognitivas e morais.

Esse conceito de infância que surgiu com Jean Jacque Rosseau, foi fundamental para mostrar a importância da educação na infância para a formação do homem. Suas teorias fundamentam as propostas educacionais, que vão se propagando por todo o mundo, servindo de parâmetro na defesa de uma educação para a criança, respeitando cada fase de sua vida em favor de uma aprendizagem que promova o seu desenvolvimento humano e social.

No Brasil a educação infantil só passou a ocupar um espaço e despertar a preocupação a partir do século XIX. Mas, foi no século XX que mudanças significativas ocorreram. E o aumento dos procedimentos de autocontrole dos impulsos e anseios desencadeados no mundo adulto aceitou o desenvolvimento de novas percepções em relação à criança.

Nesta ótica, destaca Veiga (2007, p. 210) que:

A preocupação de civilizar atitudes e comportamentos sociais e distingui-los dos adotados pelas classes populares e “rudes” surgiu no século XVII e apoiou-se num conjunto de prescrições a ser desenvolvido desde a tenra idade. Essa diferenciação social propiciou um distanciamento em relação aos comportamentos considerados “infantis” e contribuiu para a percepção gradual da infância como uma etapa fundamental da vida – implicando uma série de cuidados igualmente especiais por parte dos adultos.

A preocupação de uma visão ampla do mundo da criança pode diferenciar as particularidades infantis que caracterizam o mundo adulto, podendo assim, perceber as emoções, a atenção aos mimos ou castigos físicos, o empenho pelo aumento físico e moral das crianças e uma atitude crítica em relação ao abandono. Todos esses aspectos promovem discussão e um repensar das questões educacionais.

A História da educação da criança brasileira, até o início da República, não despertava preocupação dos setores administrativos, nenhuma proposta para a educação das crianças de 0 a 6 anos era efetivada. Não existia nenhum tipo de atendimento, nem legislação, principalmente às crianças mais pobres. Essa situação perdurou por muitas décadas. Conforme Lima (2011, p. 64)

Apesar de sua trajetória de mais de cem anos, só nas décadas de 80 e 90, é que a educação infantil alcançou uma maior significação, constituindo-se como um segmento importante no processo educativo. Constituindo-se como um segmento importante no processo educativo. [...] A educação infantil que temos hoje é resultado de movimentos importantes da sociedade na década de 80.

Através desses movimentos, que aconteceram na década de 80, a educação passou a ter um melhor entendimento, voltado a criança, pois estes movimentos refletiram na constituição, ao pressionar os governos, nas esferas federal, estadual e municipal, para a implantação de novas políticas educacionais no momento de redemocratização do país.

Lima (2011, p. 65) descreve que

O novo ordenamento constitucional e legal brasileiro, balizado por uma nova concepção de atenção a infância, é uma vitória para a educação da criança pequena e tem como marco a Constituição Federal de 1988, que representa uma das contribuições mais valiosas na garantia da educação infantil, uma vez que em seu artigo 208 a define como um direito da criança e obrigação do Estado o atendimento às crianças de zero a seis anos, além de estabelecer políticas públicas para a educação infantil.

O autor ainda esclarece, que esse direito é reafirmado no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que ressalta a infância brasileira como um momento especial da vivência social dos indivíduos, determinando o reconhecimento do direito da criança como um ser social que precisa ser protegido e amparado. A esse respeito, Lima (2011, p. 65) cita Lei de Diretrizes e Base (LDB) 9394/96 “quando, no artigo 29, proclama a educação infantil como a primeira etapa da educação básica, tendo por objetivo o desenvolvimento integral da criança até seis anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social”.

A LDB ressalta ainda que os profissionais da área de educação devem ter curso superior em curso de licenciatura em Universidades e Institutos Superiores de Educação, para que possam ensinar na educação infantil, e nos quatro primeiras anos do ensino fundamental, podendo ter uma formação mínima de magistério na modalidade normal.

Conforme Nunes (2011, p. 33) “resolução recente do Conselho Nacional de Educação (CNE) suprime a habilitação específica em educação infantil, bem como,

outras habilitações, no curso de Pedagogia, ampliando o leque de atuação do licenciado”.

O Conselho Nacional de Educação (CNE) também destaca que os cursos de licenciaturas, ofereçam cursos e práticas de ensino em educação infantil, de modo que, o estudante esteja preparado para compreender, cuidar e educar, crianças de zero a cinco anos, podendo assim, contribuir com seu desenvolvimento físico, psicológico, intelectual e social.

Vale ressaltar que “é dever do Estado assegurar a criança e ao adolescente [...] atendimento educacional especializado as pessoas com deficiências, preferencialmente, na rede regular de ensino” (NUNES, 2011, p.34). De modo, que a LDB 9394/96 no capítulo V, parágrafo 3º, impõe que a oferta de educação especial, é um dever constitucional do Estado, para crianças com faixa etária de zero a seis anos, na educação infantil. Portanto, a educação infantil é um direito social da criança e de sua família e é obrigação do Estado ofertá-la.

Houve um período de inúmeros questionamentos políticos, por parte dos educadores, sobre a possibilidade do trabalho realizado em creches e pré-escolas estabelecer movimentos de lutas contra as desigualdades sociais, voltando sua preocupação para as funções da creche e pré-escola com a elaboração de novas propostas pedagógicas que superassem o modelo de educação assistencialista predominante que reinava no país, buscando uma função pedagógica que ressaltasse o desenvolvimento linguístico e cognitivo das crianças.

Oliveira (2008, p. 115) coloca que:

Lutas pela democratização da escola pública, somadas a pressões de movimentos feministas e de movimentos sociais de lutas por creches, possibilitaram a conquista, na Constituição de 1988, do reconhecimento da educação em creches e pré-escolas como um direito da criança e um dever do Estado a ser cumprido nos sistemas de ensino. .

De acordo com a Constituição Brasileira de 1988, no caput do artigo 208, o atendimento em creche e pré-escola as crianças de zero a seis anos de idade, passou a ser efetivado como um dever do estado para com a educação.

Através desses movimentos, para que levassem às crianças estímulos cognitivos adequados, surgiram programas de educação infantil pela televisão, como: o Projeto Curumim, no início dos anos 80 e o programa Ra-Tim-Bum, no início

dos anos 90. Criados por pedagogos e técnicos e tinham como objetivo estimular crianças que não iam à escola.

As unidades de ensino pré-escolar foram assim, se expandindo, havendo também uma melhor preparação para os professores. As pré-escolas eram conhecidas como creches, e reconhecidas como instituições educacionais.

No Brasil, documentos oficiais, a exemplo da Constituição Federal Brasileira – CFB (BRASIL, 1988), do Estatuto da Criança e do Adolescente –ECA (BRASIL,1990), da Nova Lei de Diretrizes e Bases – LDB, Lei 9.394/96 (BRASIL, 1996), proclamam e regulamentam a Educação Infantil como direito da criança de zero a seis anos e de suas famílias e como dever do Estado e da sociedade civil. A partir deles, A Educação Infantil foi incorporada ao âmbito da educação básica. Baseados neles foram elaborados o Referencial Curricular Nacional para a educação Infantil RCNEI(BRASIL, 1998); o Programa de Desenvolvimento Profissional Continuado, com o Projeto Parâmetros em Ação (BRASIL, 1999 cuja implantação se deu para apoiar e incentivar não só o desenvolvimento profissional de professores, mas também dos especialistas em educação;as Diretrizes Curriculares Nacionais – DCN (BRASIL, 2001); a Política Nacional de Educação Infantil – PNE (BRASIL,2006) e, mais recentemente, os indicadores de Qualidade na Educação Infantil – IQEI (BRASIL, 2009) e o Plano Nacional pela primeira Infância – PNPI (BRASIL, 2011). (LIMA, 2011,p.104).

Nessa década houve importantes articulações para que as crianças de até 6 anos pudessem ter uma educação de qualidade em creches e pré-escolas. Com a aprovação da nova LDB, Lei n.º 9394/96, que constitui a educação infantil como etapa inicial da educação básica.

Com a publicação da LDB, foram surgindo fóruns estaduais e regionais de educação infantil, os quais serviam de locais para reivindicações por mais verbas para programas de formação profissional para os professores dessa área. Mas, novos entendimentos sobre o desenvolvimento da cognição e da linguagem transformaram o modo de como as propostas pedagógicas para a área eram refletidas. “Um Referencial Curricular Nacional foi formulado pelo MEC e Diretrizes Nacionais para a Educação Infantil foram definidas pelo Conselho Nacional de Educação” (OLIVEIRA, 2008, p. 119).

Diante do exposto, fica explícito a necessidade de formação específica dos professores de Educação infantil para atuarem nas creches e pré-escolas. E um

novo caminho apontado ao seu aperfeiçoamento, por mediação do desenvolvimento e aprimoramento, apresenta-se como uma proposta para ser coletivamente trilhada.

Para Assis (2008, p. 102-103)

Há que se buscar meios para favorecer o reconhecimento e a valorização profissional dessas professoras diante da sociedade que, embora sejam mulheres em sua maioria, não são babás, nem mães substitutas, naturalmente preparadas para o ofício de educar crianças pequenas, mas que são, sim, profissionais da educação.

É notória a necessidade de haver um reconhecimento dos profissionais da educação infantil na sociedade, uma vez que, quando não é reconhecido como professor, mas sim, como a pessoa que toma de conta, explicita-se a desvalorização e desvio de função, provocando um conflito de identidade, com isso, é preciso diferenciar o cuidar e o educar. O cuidar é visto como um ato feminino, de mãe.

Como afirma Souza (2002) apud Lima (2011 p. 111):

O “cuidado” transita entre o familiar e o escolar, articulando as diferentes esferas, ainda que sempre dentro de uma matriz que atribui o cuidado infantil e a maternidade como inatos às mulheres.

O professor diante de sua profissão se envolve emocionalmente com o aluno, e o ato de cuidar é instintivo, principalmente, quando alguém passa a ter um apego, quando está ligada afetivamente com o outro, deixando claro que quem ama cuida.

O cuidado na educação infantil, segundo Lima (2011, p. 113)

Inclui todas as atividades ligadas à proteção e aos apoios necessários ao cotidiano de qualquer criança: alimentar, lavar, trocar, proteger, consolar, enfim, cuidar. Enquanto o professor cuida da criança, dependendo da forma como ele cuida, com atenção, responsabilidade, consciente do seu papel, ele também educa.

Todo trabalho realizado com as crianças na educação infantil deve ser lido com todo cuidado, de modo que, através deste cuidado, se defina a forma como o professor cuida, com sua responsabilidade e proteção, pois, espontaneamente ele educa. A partir do momento que o professor se envolve,

conscientemente, ele passa uma energia afetiva, sendo esta uma qualidade relacionada ao cuidado.

3 HISTORICIZANDO JOGOS E BRINCADEIRAS

No século XVI as atividades lúdicas não eram utilizadas como brincadeira para as crianças. Elas não eram vistas como seres que necessitava de acompanhamento e orientação para seu desenvolvimento, eram consideradas como adultos em miniaturas, “Na antiguidade, as crianças participavam tanto quanto, os adultos, das mesmas festas, dos mesmos ritos, e mesmas brincadeiras”. (ARIÊS, 1981, p.94). Ainda de acordo com o autor, no século XVII, a arte medieval não conhecia a infância, pois não haveria lugar para a criança naquele período, elas não tinham identidade própria, vivendo como adultas, não tinham brinquedos, nem brincadeiras.

É no Renascimento que nasce o jogo, destacando a espontaneidade da criança, mostrando a sua natureza e a sua forma de expressão, ressaltando que a criança é um ser em desenvolvimento, que imita, com toda liberdade.

De acordo com Kramer (1998, p. 172)

A partir do Renascimento, as brincadeiras coletivas realizadas por adultos e crianças foram lentamente dando lugar ao brinquedo-objeto, que foi se tornando uma especialidade das crianças, vindo a ocupar papel especial como um dos principais mediadores entre elas e o mundo.

Assim, a criança começa a ter a oportunidade de expressar sua capacidade, de perceber o mundo a sua volta, se apropriando das técnicas de manuseio e compreensão do objeto; essas brincadeiras diferenciam o mundo da criança do mundo do adulto. E com os jogos, a criança passa a descobrir novas capacidades e novos valores. A esse respeito, aduz Kishimoto (2008, p. 63) que:

Tal percepção de jogo está relacionada á nova percepção da infância que começa a constituir-se no Renascimento: a criança dotada de valor positivo, de uma natureza boa, que se expressa espontaneamente por meio do jogo, perspectiva que irá fixar-se com o Romantismo.

Este foi um período muito importante para a educação, pois, foi com o renascimento que surgiu o período de compulsão lúdica, ou seja, o jogo passou a ser praticado de forma constante, fazendo parte das atividades diárias da criança. “O Renascimento vê a brincadeira como conduta livre que favorece o desenvolvimento da inteligência e facilita o estudo. Por isso, foi adotada como instrumento de aprendizagem de conteúdos escolares” (KISHIMOTO, 2008, p.62).

O brinquedo entusiasma a brincadeira, em seu desenvolvimento e em suas características, o que lhe dá sentido enquanto brinca, tanto no ponto de vista psicológico quanto cognitivo e sociocultural, uma vez que, os vestígios das antigas gerações são percebidos pelas crianças através das brincadeiras. Enfatiza Angotti (2009, p. 121) que:

A cultura do brincar é, portanto, transmitida de geração a geração, permitindo à criança vivenciar o que aprendeu, exercitando, experimentando, descobrindo, organizando e inventando novas possibilidades para a brincadeira, de acordo com suas habilidades e conhecimentos.

As atividades lúdicas vem, desde a antiguidade, de culturas diferentes, sendo um importante instrumento para o desenvolvimento da criança, através do qual ela irá descobrir as mudanças da realidade e aprender com suas fantasias, permitindo o resgate dos nossos valores mais eficazes.

Essas mudanças que ocorreram no renascimento permitiram que os jogos e brincadeiras passassem a fazer parte do mundo da criança, e as atividades lúdicas se incorporaram na educação, mas sem uma real intenção. “Nasce um sentimento de infância, a preocupação com o pudor e o cuidado em não corromper a inocência infantil” (ARANHA, 2006, p.60).

Na concepção de Kishimoto (2008, p. 21)

Antes das novas formas de pensar nascidas no Romantismo, nossa cultura parece ter designado como “brincar” uma atividade que se opõe a “trabalhar”, caracterizada por sua futilidade e oposição ao que é sério. Foi

nesse contexto que a atividade infantil pôde ser designada com o mesmo termo, mas para salientar os aspectos negativos (oposição as tarefas sérias da vida) do que por sua dimensão positiva, que só aparecerá quando a revolução romântica inverter os valores atribuídos aos termos dessa oposição.

De acordo com a autora, o jogo não prepara nenhum comportamento específico que separe a atividade lúdica de qualquer outro comportamento. O jogo é marcado pelo modo como se brinca, como expressa Kishimoto (2008, p. 24).

A cultura lúdica é, então composta de um certo número de esquemas que permitem iniciar a brincadeira, já que se trata de produzir uma realidade diferente daquela da vida quotidiana: os verbos no imperfeito, as quadrinhas, os gestos estereotipados do início das brincadeiras compõe assim aquele vocabulário cuja aquisição é indispensável ao jogo.

As brincadeiras e os jogos permitem que o sujeito recrie momentos do cotidiano sob uma nova perspectiva, reinventando seus momentos vivenciados coletivamente. A partir do conjunto de regras do jogo que compõe a cultura lúdica, o indivíduo compreende e aceita a sua própria cultura.

3.1 Infância: a escolarização, o lúdico e o brinquedo

O lúdico se origina da palavra latina *ludus*, que significa jogo, o mesmo não se restringe somente a essa definição como sendo uma forma isolada de uma atividade, o mesmo inclui não somente os jogos, os brinquedos, e brincadeiras, mas também caracteriza-se como elemento de uma cultura constituída nas relações sociais. Kishimoto (2007, p.207) diz que:

O jogo é visto como recreação, desde a antiguidade grego romana, aparece como relaxamento necessário à atividades que exigem esforço físico, intelectual e escolar [...] . Por longo tempo, o jogo infantil fica limitado à recreação. [...] Durante a Idade Média, o jogo foi considerado “não sério”, por sua associação ao jogo de azar, bastante divulgada na época.

É notória a importância dos brinquedos, jogos e brincadeiras. Os estudos apontam que os brinquedos como bonecas a 3000 e 2000 a.C. já tinham o seu valor para educar, pois os mesmos já eram utilizados pelos gregos e romanos,

ressaltando que, a afinidade entre jogos e a educação no desenvolvimento da criança é antiga.

Rocha (2005) em seus estudos sobre a origem do brincar aponta que a afinidade entre a cultura e o ser humano é de suma importância para responder o surgimento dessa atividade. Ainda de acordo com a autora, pode-se mostrar que os objetos lúdicos acompanham as transformações da sociedade. Os primeiros objetos que surgiram encontravam-se relacionados as imitação de máquina de trabalho que os adultos empregavam, o que diferenciava era o tamanho, que era menor, a exemplo de miniaturas relacionadas às atividades domésticas, agrícolas, entre outros.

Almeida (1998) ressalta que os jogos desde, continuamente, fizeram parte da vida do homem. Filósofos como Platão, por exemplo, destacava que os jogos educativos precisavam ser praticados desde os primeiros anos de idade da criança. Outros pensadores também apontaram que o lúdico era de fundamental importância na educação infantil, pois o mesmo desenvolveria assim um melhor aprendizado.

Na concepção de Lima (2011, p. 91), “para que esse processo ocorra de forma satisfatória, faz-se necessário um conhecimento ampliado acerca das etapas do desenvolvimento infantil que é a base para a constituição psíquica do sujeito”.

De acordo com Freud, (1996) o desenvolvimento está presente desde o nascimento e, coloca que, essa compreensão causou um forte impacto na sociedade vitoriana provocando desenvolvimentos que revolucionaram a percepção de infância até os dias de hoje, como por exemplo, a concepção de que as crianças são seres ativos nas relações estabelecidas com as pessoas que delas cuidam desde os primeiros dias de vida.

Desde os primeiros anos de vida a criança já estabelece a relação com o jogo durante cada fase de sua vida, como por exemplo, na fase sensório-motora (de 1 a 2 anos), quando ela brinca com o corpo usando os braços, pernas, dedos, tocando os objetos. Na fase simbólica (de 2 a 4 anos), ela já estabelece a relação com o mundo, a criança já imita as pessoas que está em seu meio, havendo um desenvolvimento intelectual. Na fase intuitiva (de 4 a 6/7 anos), elas desenvolvem a percepção, na qual o jogo passa a ter um sentido funcional, pois estimula os sentidos psicológico e motor. Na fase operatória concreta (de 6/8 a 11/12 anos), a criança já diferencia o certo do errado, já tem uma lógica própria, podendo se trabalhar com jogos, utilizando com regras. Na fase operação abstrata (11 anos em diante) já trabalha a

mente, os jogos que podem ser utilizados são os quebra-cabeças, pesquisa, jogos matemáticos, etc. estes podendo desenvolver a interação da criança no meio social.

De acordo com Kishimoto (2008, p. 28) “Há jogo quando a criança dispõe de significações, de esquemas em estruturas que ela constrói no contexto de interações sociais que lhe dão acesso a eles”.

Assim, que as fases da criança estão relacionadas com o jogo, o que nos mostra que as atividades lúdicas são de suma importância em seu desenvolvimento, não podendo deixar de ser vivenciadas, pois se bem trabalhadas pode tornar o jogo uma brincadeira prazerosa.

Elkonin (1998, p. 36), apoiado em estudos de Vigotski e Leontiev, aborda o jogo “como um elemento inerente ao processo historicizador, tendo o fator social como base de sua natureza e origem, pois o jogo nasce das condições de vida da criança em sociedade”.

Para o autor o jogo é assim entendido pela psicologia histórico-cultural, não como uma agilidade natural, sendo uma apropriação do mundo adulto, incluindo-se em seu contexto e tempo histórico, acompanhando, portanto, as mudanças que foram ocorrendo na sociedade. De acordo com Aranha (2006, p.45).

Essas mudanças exigiram uma mudança na educação, que deixou de ser igualitária e difusa, portanto, acessível a todos, como nas tribos. Enquanto alguns eram privilegiados, o restante da população não tinha direitos políticos, nem acesso ao saber da classe dominante..

Segundo a autora, houve então uma distinção entre estudos do sagrado e da administração e os voltados aos ofícios especializados. Havendo então o dualismo escolar, um tipo de ensino para o povo e outros para os filhos dos nobres. A massa não participava da escola, mas sim a educação familiar informal.

Consoante Elkonin (1998, p. 12)

[...] para os antigos gregos, a locução “jogo” significava as ações próprias das crianças e expressava o que entre nós se denomina hoje “fazer traquinices”. Entre os judeus, a palavra “jogo” correspondia ao conceito de gracejo e riso. Para os romanos, “ludo” significava alegria, regozijo, festa buliçosa. Em sânscrito, “kliada” era brincadeira, alegria. Entre os germanos, a palavra arcaica “spilan” definia um movimento ligeiro e suave como o do pêndulo que produzia um grande prazer. Posteriormente, a palavra “jogo” começou a significar em todas essas

línguas um grupo numeroso de ações humanas que não requerem trabalho árduo e proporcionam alegria e satisfação.

De acordo com o autor, na Grécia, essas atividades eram utilizadas pelos filósofos gregos para auxiliar os seus principiantes em suas ocupações habituais. A partir disso, pode-se perceber que o lúdico é uma ferramenta importante na educação, no que se refere à criatividade que cada criança proporciona quando brinca; o lúdico oferece ao educando sentimento de satisfação, prazer, e ajuda-o no desenvolvimento do seu eu interior, da memorização, e em sua cognição.

3.2 O lúdico na escola

A escola durante muito tempo, não foi vista como um espaço, no qual as crianças pudessem jogar e brincar para realizar as suas atividades. Froebel foi um dos pioneiros a por os jogos como sendo fundamental no trabalho educativo, para que este fosse trabalhado nas escolas, logo quando criou o jardim de infância, com o uso dos jogos e brincadeiras. Ressaltando que a escola passou a ser um lugar privilegiado para se trabalhar com lúdico na educação.

A esse respeito, Veiga (2007, p. 217) descreve que

Uma importante mudança foi à percepção definitiva de que a escola é o espaço privilegiado para instruir e educar os futuros cidadãos e membros da sociedade. A escolarização obrigatória e generalizada passa a representar um espaço decisivo tanto para o progresso individual quanto para o progresso social. O crescimento do número de alunos, da demanda por instituições de ensino e de estudos científicos sobre a infância levou a criação de uma nova escola. .

Para a Veiga, as atividades lúdicas foram empregadas como meios de ensino, em parques infantis.

As inovações pedagógicas – fundamentadas na visão de pensadores como Rosseau, Pestalozzi e Froebel, entre outros – foram enfatizadas e buscou-se sua efetivação. Expressões como “pedagogia científica” e “didática experimental” passaram a ser utilizadas para exprimir e dar visibilidade às inovações: estimular o interesse da criança, proporcionar aprendizado de acordo com suas potencialidades, adaptar a criança ao ambiente e realizar sua integração social (VEIGA, 2007,p.217).

De acordo com a autora, foi sob a influência dos pensamentos e da filosofia de suas épocas e de acordo com a maneira de cada pensador que criaram investigações sobre as crianças pequenas, deixando claro que é de grande importância para a educação. O pensador Froebel implantou uma educação institucional aperfeiçoada no brincar. Ainda de acordo com a autora, o mesmo constituiu seus jardins de infância de acordo com os dons, e a livre manipulação pelas crianças.

Tendo como base a observação das crianças, foi elaborada uma pedagogia científica, na qual a brincadeira foi sugerida como atividade livre de aprendizagem e espaço educacional. Kishimoto (1997, p. 121) define a brincadeira infantil como sendo “a ação da criança ao mergulhar na ação lúdica, ou seja o lúdico em ação. É brincando que renovamos e transformamos a vida e resgatamos o nosso passado, aprendemos sobre nossa cultura e sobre a nossa história”. A brincadeira é um meio histórico da cultura popular, harmoniza características de diferentes povos e momentos históricos, mas sempre sujeito a novas mudanças.

Com as mudanças ocorridas ao longo do tempo, os educadores passaram a trabalhar com as atividades lúdicas, somente na recreação, pois não viam no brinquedo, um objeto educativo. Nesta ótica, coloca Kishimoto (1993, p. 106) que “o que predominava eram jogos utilizados de maneira bastante diretiva somente para auxiliar o ensino de alguns conteúdos escolares, e eles nunca eram vistos como algo que proporcionava prazer às crianças”.

Para o autor, foi percebendo o que o jogo proporcionava que houve a ampliação de parques infantis a partir de 1930. Tendo como principais objetivos recrear, brincar e nutrir. Constituíram também atividades livres com a presença de professores formados no curso de Educação Física, tendo como finalidade uma educação integral para as crianças.

3.3 Os jogos e brincadeiras nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental

Os jogos e brincadeiras sempre estiveram presentes no convívio humano desde a antiguidade. Nos dias de hoje a visão que se tem sobre o lúdico é diferente,

sendo este fundamental para o desenvolvimento no processo de ensino aprendizagem.

Para a criança, o lúdico proporciona um estado de prazer, o que leva à descontração e, conseqüentemente, ao surgimento de novas idéias criativas que facilitam a aprendizagem de novos conteúdos e interações conscientes e inconscientes, favorecendo a confiança em si e no grupo em que está inserida. “[...] o desenvolvimento da inteligência e da personalidade é externamente motivado, ou seja, é resultado da aprendizagem” (MELLO, 2004, p.142).

Para o autor, são essenciais as relações do indivíduo com a cultura para o seu desenvolvimento, pois, na ausência da cultura, o desenvolvimento não ocorrerá. Para ele, não é o desenvolvimento que possibilita a aprendizagem, mas ao contrário, é a aprendizagem que impulsiona o desenvolvimento, deixando claro que a criança deve ter o contato com a cultura, com os adultos, e com as crianças mais velhas. “O comportamento das crianças pequenas é fortemente determinado pelas características das situações concretas em que elas se encontram [...]” (OLIVEIRA, 1995, p.66).

Segundo Oliveira, é importante a relação entre as situações concretas e a comparação que a criança faz entre os elementos percebidos e o significado, como numa brincadeira de faz de conta, em que a criança vive em um mundo imaginário, na qual ela define pelo significado que a brincadeira passa.

Melo (2004, p. 147) defende que

A partir da entrada na escola fundamental, o estudo passa a ser a atividade principal. Isso significa dizer que é pela atividade de estudo que a criança mais amplia seu conhecimento sobre o mundo, mais é levada a pensar e reorganizar o que pensa e melhor compreender as relações sociais.

De acordo com o que expõe a autora, a criança adota um tipo de atividade que permite dentro das particularidades desse desenvolvimento a ampliação de suas qualidades humanas, pois as situações que garantem mais aprendizado são aquelas que envolvem intensamente as crianças naquilo que estão fazendo, atuando com o corpo e o intelecto, concentradas no fazer que realizam.

Mello (2004, p. 144) nesse mesma perspectiva expõe que:

[...] o desenvolvimento da linguagem, do pensamento, da memória voluntária, do controle da conduta, que só o ser humano tem capacidade de se desenvolver, ocorre a partir do exterior: primeiro a criança experimenta a fala, a orientação de sua conduta, a atenção, a observação, a memória, a linguagem escrita, o cálculo matemático, o desenho e etc., em conjunto com os outros, e só depois essas funções se tornam internas ao seu pensamento.

Para a autora, as atividades lúdicas que são oferecidas à criança devem estar de acordo com a zona de desenvolvimento em que ela se encontra, desta forma, pode-se perceber a importância do professor conhecer a teoria de Vygotsky. No processo da educação o papel do professor é de suma importância, pois é ele quem cria os espaços, disponibiliza materiais, participa das brincadeiras, ou seja, faz a mediação da construção do conhecimento.

Atualmente, ainda é muito questionado o brincar no ensino fundamental. Discute-se o papel da Instituição de ensino como o lugar para estudar e não para brincar. Esse é um questionamento que dificulta a utilização de recursos propícios à aprendizagem nessa fase do ensino, contudo, é importante destacar que os jogos e as brincadeiras no ensino fundamental caracterizam-se como meios eficazes de desenvolvimento e socialização de saberes. Os mesmos têm uma finalidade com a aprendizagem das crianças dos Anos Iniciais do Ensino fundamental. Na escola, os professores podem trabalhar com o jogo de regras para que o aluno trabalhe a resolução de problemas e assim, possa desenvolver suas atividades.

Aponta Lima (2011, p. 139) que:

Piaget (1975 apud MALUF, 2003) estabeleceu uma classificação para esses jogos, conforme a evolução das estruturas mentais da criança. São eles: jogos de exercícios (que ocorrem aproximadamente entre 0 e 2 anos), jogos simbólicos (que acontecem no período entre 2 e 7 anos), e o jogo de regras (que se dão a partir dos 7 anos).

O autor destaca que os jogos devem ser trabalhados de acordo com sua zona de desenvolvimento e que o jogo de regras começa a ser trabalhado com crianças a partir dos 7 anos, quando entra no ensino fundamental, pois o jogo sendo trabalhado para resolver as atividades, as crianças irão aprender de forma mais prazerosa.

No ensino fundamental é necessário que apresente a criança, ou melhor, que sejam inseridos em seu “mundo”, aprendizados que já vem de seu cotidiano, associados aos jogos e as brincadeiras. Assim, os resultados serão satisfatórios,

dando sentido ao desenvolvimento de um aprendizado diferenciado que trará grande satisfação. O trabalho com o lúdico levará a criança a ter uma melhor compreensão.

Assinala Maccarini (2010, p. 68) que “[...] a busca por uma compreensão de regras, a imaginação, a criatividade, a resolução de situações que aparecem no decorrer do jogo [...] permitem a utilização de conhecimentos prévios da criança, levando-a a atribuir novos significados e a construir a elaboração de novos conhecimentos”.

A partir do exposto acima, o desenvolvimento do raciocínio a partir de jogos, favorece a tomada de decisões no cotidiano, na vida escolar e no preparo mental da criança dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Passando a resolver as situações problemas de forma mais segura, permitindo a preparação de novos conhecimentos.

De acordo com as considerações feitas por Kishimoto (2008, p. 62)

Alguns professores do ensino fundamental reconhecem a importância de se trabalhar com os jogos e as brincadeiras, e coloca este recurso em prática, procurando sempre a melhor forma de se trabalhar de acordo com a necessidade do aluno. “Na educação do sábio pedagogo, o jogo é visto como instrumento de ensino: de Matemática e outros conteúdos”.

O autor afirma que o professor trabalha com os jogos voltados a aprendizagem do aluno, não só no ensino da matemática, mas com outras disciplinas escolares, desenvolvendo assim, uma aprendizagem significativa que favorece atingir o seu objetivo.

4 ANALISANDO OS DADOS, COMPREENDENDO CONCEITOS E O PERCURSO DA PESQUISA.

4.1 Procedimentos metodológicos

O presente estudo tem como objetivo, analisar como os professores dos anos iniciais do ensino fundamental trabalham as atividades lúdicas no cotidiano da sala de aula, com questões referentes aos jogos e brincadeiras, como metodologia de ensino e aprendizagem, destacando que as atividades lúdicas desenvolvem os aspectos afetivo, cognitivo e social das crianças.

A pesquisa de campo teve como público alvo 07 (sete) professores, que lecionam no 2º ano dos anos iniciais do ensino fundamental, em escolas públicas municipais e Estaduais da cidade de Cajazeiras-PB.

Para a coleta de dados foi utilizado um questionário com 13 questões subjetivas e objetivas. Ressaltando que esse procedimento metodológico realizado com os professores foi fundamental para a construção deste trabalho. A utilização do questionário com os professores permitiu que os mesmos expressassem com mais segurança, possibilitando uma maior rapidez na coleta e análise dos dados. Além das informações obtidas com o questionário, foram utilizados como suporte teórico os dados bibliográficos relacionados às temáticas.

A referida análise foi desenvolvida numa abordagem qualitativa, que de acordo com Pereira (2004, p.21)

É uma estratégia de classificação de um fenômeno aparentemente imponderável que, fixando premissas de natureza ontológica e semântica, instrumentaliza o reconhecimento do evento, a análise de seu comportamento e suas relações com outros eventos.

Dessa forma, tomando como orientação as premissas do autor acima citado, compreendemos que através de uma análise qualitativa é feita a interpretação do fenômeno “considerando o significado que os outros dão as suas práticas” (GONSALVES, 2001,p.68).

Assim, o tipo desta pesquisa foi descritiva, segundo Gonsalves (2001, p.65):

Objetiva descrever as características de um objeto de estudo. Dentre esse tipo de pesquisa estão as que atualizam as características de um grupo social, nível de atendimento do sistema educacional, como também aquelas que pretendem descobrir a existência de relações entre variáveis. Nesse caso a pesquisa não está interessada no por que, nas fontes do fenômeno; preocupa-se em apresentar suas características.

A partir das características levantadas e das análises dos dados foi possível compreender questões inerentes às atividades lúdicas no processo educativo.

4.2 Análise dos dados

A pesquisa foi desenvolvida com professores do 2^o ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em escolas municipais e estaduais, na cidade de Cajazeiras-PB. Tendo como principal objetivo compreender e analisar como os professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental trabalham as atividades lúdicas.

Foi utilizado como instrumento de coleta de dados um questionário, e através de visitas realizadas aos professores em sala de aula foi possível obter informações sobre o lúdico como recurso didático no processo ensino aprendizagem.

Inicialmente buscamos informações acerca da formação dos educadores, que apresentamos na tabela abaixo.

Quadro 1 – Escolaridade das professoras entrevistadas em escolas públicas

ESCOLARIDADE	QUANTIDADE
Pedagógico	01
Pedagogia	04
Geografia	01
História	01

Fonte: Dados da pesquisa coletada com os professores no ano 2014.

Participaram da pesquisa sete educadoras, dentre elas 03 possui o curso de pedagogia, com especialização em psicopedagogia; uma possui o pedagógico; uma tem pedagogia com especialização em Metodologia do ensino; uma tem licenciatura plena em geografia e a outra em história com especialização em psicopedagogia e Gestão escolar. Dessa forma, seis das entrevistadas tem curso superior em educação com especialização. Apenas uma educadora tem apenas o magistério (pedagógico).

Quanto à faixa etária das professoras questionadas, a média de idade é de 35 a 58 anos, 04 delas tem carga horária de 30 horas semanais, 02 com 20 horas e a outra com 40 horas semanais. O tempo de atuação do magistério das professoras varia entre 6 a 34 anos, e o tempo que estão atuando na escola atualmente, somente uma delas tem dois meses, as outras professoras tem de um a nove anos. Ressaltando, que quatro delas são efetivas e três são contratadas.

Assim, seis das professoras tem Curso Superior, e a maioria com pós-graduação, sendo que uma possui o magistério, mas todas atuam dentro da lei nº 9.394/96 (BRASIL, 1996), que determina no Art. 62, que, para atuar na educação básica, é necessário:

[...] nível superior em curso de licenciatura, de graduação plena, em Universidade e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos 5 (cinco) primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio na modalidade normal.

A Lei determina que para trabalhar na educação é necessário uma formação básica, tanto na educação infantil, como nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, para que aja assim mudanças significativas na educação.

É notório que, mesmo com essas determinações, ainda falta conhecimentos e formação continuada a muitos educadores que atuam no ensino básico, principalmente no tocante as estratégias e metodologias inovadoras. De modo, que alguns educadores ainda continuam ligados as métodos tradicionais no ensino, ignorando recursos inovadores como, por exemplo, o lúdico, o mesmo sendo objeto de estudo desta pesquisa, como vemos no relato abaixo, o qual a professora responde a questão sobre sua concepção do lúdico no ensino aprendizagem:

O lúdico no ensino aprendizagem tem como objetivo, despertar o interesse do educando, desenvolvendo a interação social, a construção de valores, facilitando o processo da aprendizagem. (professora A).

De acordo com a professora questionada, trabalhar de forma lúdica no ensino aprendizagem ajuda a criança em seu processo de socialização, e na construção de conhecimentos, despertando o interesse do aluno e conseqüentemente melhora no desenvolvimento das suas atividades. Ao questionar sobre seu conhecimento teórico sobre o lúdico a professora relata que:

É a forma de desenvolver a criatividade, os conhecimentos através de jogos, músicas e danças. O intuito é educar, ensinar, se divertindo e interagindo com os outros (Professora B).

Para a professora, utilizando as atividades lúdicas à criança usa sua imaginação, busca os conhecimentos e aprende de forma satisfatória, ressaltando que, os jogos e as brincadeiras também promovem a socialização.

Todos as professoras questionadas responderam que trabalham meios lúdicos como atividades em sala de aula e dizem que o mesmo oportuniza a criança conhecimentos, ajudando a se expressar, interagir, relacionar-se diante das atividades. De modo que, aproveitando os jogos e as brincadeiras em sala de aula, o educador terá uma análise das atividades desenvolvidas, no qual a criança poderá obter um maior desempenho educacional. “A interação que se faz do aluno com o brinquedo, o mesmo faz com que a criança desenvolva seu raciocínio e sua criatividade levando ao desafio da conquista” (Professora C).

De acordo com a entrevistada C, a partir do momento em que a criança interage com o brinquedo, desenvolve seu raciocínio, criando um ambiente agradável e propício a aprendizagem. “A função do brinquedo como recurso didático ajuda o aluno a expandir seus pensamentos, raciocinar fatos e idéias” (Professora A).

Entre as professoras questionadas, uma delas destacou não ter muito conhecimento teórico sobre o tema lúdico, a mesma relata:

Não tenho tanto conhecimento teórico, mais tenho um pouco de prática quando passamos a trabalhar em sala ou fora dela com materiais produzidos pelos alunos, ou comprados pela escola (Professora C).

É fundamental que o professor tenha tanto o conhecimento teórico como o prático no processo de ensino aprendizagem, a professora acima citada, trabalha a ludicidade mesmo não tendo um conhecimento específico, ressaltando que é importante que haja uma busca pelo aperfeiçoamento, adquirir novos conhecimentos, e por em prática, para assim poder trabalhar de forma significativa atendendo a necessidade do aluno.

Os dados que obtidos mostra que a escola oferece disponibilidade de espaço para as crianças brincarem. As professoras entrevistadas, dizem que o espaço físico da escola é amplo, como: o pátio, a quadra de futebol e a sala de aula, outras, destacam que o espaço é pequeno e outra fala que não é adequado. Como relata a (Professora B): “O espaço físico da escola para as brincadeiras é amplo, mas não é propício para o brincar, necessita de uma quadra coberta”. Já para a Professora D “A própria sala de aula é um espaço que a escola oferece. Cabe ao educador proporcionar as atividades lúdicas”.

A professora D relata que mesmo não havendo um espaço amplo, ou propício, o educador deve oferecer meios, que proporcionem as atividades lúdicas, não deixando assim de realizar os jogos e as brincadeiras com as crianças.

Dentre as entrevistadas uma das professoras afirma trabalhar com as atividades lúdicas e que estabelece uma diferença entre a brincadeira, e o jogo didático. “A brincadeira desempenha um sistema importante na vida social da criança e o jogo didático direciona o aluno que pode desenvolver as atividades, o que levará a construção do conhecimento”(Professora A).

Vale salientar que o jogo, é um importante instrumento para ajudar na aprendizagem da criança, pois jogando ela aprende com mais facilidade, além de desenvolver o físico, intelectual, social e afetivo, pois o jogo é uma atividade de compreensão e de transformação. Mas, o mesmo deve ter objetivos definidos, para que possa ser trabalhado com o aluno.

Sob essa ótica, Dohme (2003, p. 117) aponta que:

O jogo quando aplicado com objetivos educacionais opera muito do que no desenvolvimento físico, como pode parecer a primeira vista, pois pode desenvolver a inteligência, os sentidos, habilidade estética, afetividade, vivencia de regras éticas e o relacionamento social..

Conforme a autora, o jogo pode ser semelhante como a brincadeira e aprendizagem, desde que o jogo seja organizado, planejado, elaborado dentro da

ação pedagógica, de modo que a criança aprenda com prazer e amplie as habilidades necessárias para o seu desenvolvimento. Podendo assim afirmar que o jogo é um recurso muito importante para o aluno, pois facilita o desenvolvimento de autonomia e de harmonia.

Com relação aos brinquedos disponíveis na escola de acordo com os níveis de desenvolvimento cognitivo da criança, as seis professoras questionadas responderam que há brinquedos disponíveis na escola, como podemos ver nas seguintes respostas.

Dispomos de jogos educativos entre eles, jogo da memória (atividades interdisciplinar), bingo (seja de palavras ou números), amarelinha, jogo de dama, peteca. (Professora A).

A escola conta com uma sala de leitura e todo material pedagógico, disponibilizado pelo MEC, jogos e brincadeiras para trabalhar de acordo com os níveis cognitivos da criança. (Professora E).

Bola, peteca, bambolês, boliche, vai e vem, os quais são utilizados para jogos e as brincadeiras lúdicas. (professora D).

É notório uma variação de brinquedos de acordo com cada professora, algumas até destacam a importância que tem os brinquedos para o desenvolvimento e crescimento da criança. Como relata a professora B:

Os brinquedos foram e são na maioria confeccionados pelo professor com a participação das crianças ou pelo conjunto (escola), outros construídos por terceiros como: arco, corda, gangorra, academia. Esses brinquedos vão favorecer no crescimento, desenvolvimento e na coordenação. (professora B).

A confecção dos brinquedos é realizada pelo professor, aluno ou terceiros, mostrando que mesmo que não tenha pronto na escola, eles constroem, não deixando de utilizar este recurso que são os jogos e as brincadeiras na aprendizagem da criança. Segundo Moyles“ é uma questão de levar a sério as atividades lúdicas e tratar com seriedade e respeito as crianças que estão brincando”.(MOYLES, 2002,p.57).

Para a autora as atividades lúdicas devem ser incluídas nas atividades, sendo dada a devida atenção ao que as crianças estão trabalhando, fazendo com que elas aproveitem ao máximo a brincadeira.

As professoras C e G responderam que há bolas, bambolês, dados, damas, peteca, quebra-cabeça, peças de encaixe, jogos de peças de madeira e corda. Já a professora F diz não saber por ser novata na escola.

Referindo-se ao Planejamento da escola sobre o trabalho lúdico. As professoras acrescentam: “Com certeza, sempre desenvolvemos projetos anualmente para trabalhar tanto a ludicidade como a interdisciplinaridade, pois, acredito que dessa maneira a criança desenvolve-se melhor”. Relata a Professora B. Já a Professora D, afirma que: “A escola tem a preocupação com o bem estar dos educandos, visando uma aprendizagem de qualidade, já que cabe a todos os funcionários da educação, o resgate do papel afetivo, social e cognitivo, e o lúdico tem essa função”. A Professora C afirma que já deixa definido no plano de aula o que se deve fazer na hora da recreação e como se trabalhar esse tempo com os alunos. E os entrevistados A e E afirmam que o planejamento se dá semanalmente. A professora destaca que o planejamento é acompanhado pela coordenadora pedagógica do Programa Primeiros Saberes da Infância; programa esse adotado pelo governo do estado.

Mesmo com as realidades e dificuldades encontradas em sala de aula, os professores reconhecem a importância do lúdico na aprendizagem da criança e trabalham com mais prazer. Como destaca Freire (1996, p.90):

[...] A alegria do saber não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria. O desrespeito à educação, aos educandos, os educadores corrói ou deteriora em nós, de um lado, a sensibilidade ou a abertura ao bem querer da própria prática educativa de outro, a alegria necessária ao que fazer docente. É digna de nota a capacidade que tem a experiência pedagógica para despertar, estimular e desenvolver em nós o gosto de querer bem e o gosto da alegria sem a qual na prática educativa perde o sentido [...].

Portanto, o exercício docente precisa continuar, e ser trabalhada com grande, alegria, prazer, capacidade, responsabilidade, criticidade e flexibilidade, para que haja uma melhor educação para os alunos.

Trabalhar com o lúdico nos anos iniciais do ensino fundamental é algo extremamente importante no processo de ensino-aprendizagem, pois é através dos jogos e brincadeiras que a criança desenvolve sua imaginação e sua criatividade, além de promover interação e relação com os colegas, permitindo a construção do conhecimento. Este processo auxilia também na sua socialização, englobando aspectos cognitivos e afetivos, sendo um importante instrumento pedagógico, que tem o poder de melhorar a auto-estima e aumentar os conhecimentos da criança, quando utilizados com objetivos definidos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo realizado e da pesquisa com os professores percebemos que durante a prática dos jogos e brincadeiras na sala de aula, as crianças adquirem autonomia, autoconfiança e liberdade, proporcionando assim o desenvolvimento da linguagem, do pensamento e da concentração. Utilizando meios lúdicos, o professor cria um ambiente gratificante e atraente, servindo como estímulo para o desenvolvimento integral da criança.

No que diz respeito à socialização, permite a criança exercer a liderança, desenvolvendo a personalidade e o controle de si mesma. Também colabora no sentido de trabalhar a competitividade, participar se torna motivo de orgulho e prazer, bem como age diretamente na cooperação do grupo e da participação coletiva. As atividades lúdicas, quando bem administradas, trazem diversos benefícios às crianças, não só motora e cognitiva, mas também na formação do caráter.

Atualmente, alguns profissionais da área de educação, deixam este importante recurso de lado, desconhecendo a importância de brincar, ou seja, desconstrói, de certa forma um grande processo de desenvolvimento.

Vale ressaltar, porém, que o lúdico não é a única alternativa para a melhoria do processo ensino-aprendizagem, mas configura-se como um instrumento importante que auxilia na melhoria dos resultados, possibilitando ao educando quebrar uma rotina, onde o aluno que não demonstre o prazer em aprender, possa despertar o gosto através do aprender fazendo.

Com isso, os jogos e as brincadeiras usadas como um recurso didático facilitará no desempenho educacional, sem falar no desenvolvimento da criatividade, do raciocínio lógico, da imaginação e em especial a capacidade motora, sendo importante também na sociedade e na família.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação Lúdica: técnicas e jogos pedagógicos**. 9. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

ANGOTTI, Maristela. (org.) **Educação infantil: da condição de direito à condição de qualidade no atendimento** Campinas, SP: Editora Alínea, 2009.

ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e científicos, 1981.

ASSIS, Muriane Sirlene Silva de. Ama, guardiã, crecheira, pajem, auxiliar... em busca da profissionalização do educador da educação infantil. In: ANGOTTI, Maristela (Org.). **Educação Infantil: da condição de direito à condição de qualidade no atendimento**. Campinas: Alínea, 2009.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e da pedagogia: geral e Brasil**. 3. ed. - rev e ampl. São Paulo: Moderna 2006.

BRASIL. Ministério da educação e do desporto, Secretaria de Educação Fundamental; **Referencial Curricular Nacional para a educação Infantil**; v. 1 – Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Arte. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Presidência da República. **Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional**. Lei nº 9394. Brasília, 1996.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo, UNESP, 1999.

DOHME, Vânia. O papel educacional das atividades lúdicas. In; DOHME, Vânia. **Atividades lúdicas na educação: o caminho dos tijolos amarelos no aprendizado**. Petrópolis: Vozes, 2003.

ELKONIN, D.B. **Psicologia do jogo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre a iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Alínea, 2001.

KRAMER, Sônia. FERRAZ, Maria Isabel Pereira Leite(orgs).**Infância e produção cultural**.Campinas, SP: Papyrus, 1998. – (Série Prática Pedagógica).

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O brincar e suas teorias**. --São Paulo: Cengage Learning, 2008.

_____. (org.) **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. (org.). **O brincar e suas teorias**. São Paulo Ed. Cengage Learning, 1998, p.61.

_____. **Jogo, brinquedo e a educação**. São Paulo: Cortez, 1997.

_____.**Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

LIMA, Fabiana Ramos de. (org.). **Educação infantil: construindo caminhos**.– Campina Grande: EDUFCG, 2011.

MACCARINI, Justina Motter. **Fundamentos e metodologias do ensino da matemática**. Curitiba: Fael, 2010.

MEKSENAS, Paulo. **Sociologia**. São Paulo: 2 ed. Cortez, 1990.

MELLO, Suely Amaral. **Introdução à psicologia da educação: seis abordagens**.São Paulo: Avercamp, 2004.

MORAES, José Geraldo Vinci de, **História: geral e Brasil: volume único**.-2. ed. - São Paulo: Atual, 2005.(coleção Ensino Médio Atual).

MORAES, Zilma Moraes Ramos de Oliveira (org). **Educação Infantil: muitos olhares**. -9 ed. – São Paulo: Cortez, 2010.

MOYLES, Janet R. **Só brincar? O papel do brincar na educação infantil**. - Porto alegre: Artmed, 2002.

NUNES, Maria Fernanda Rezende (org). **Educação Infantil no Brasil: primeira etapa da educação básica**. – Brasília: UNESCO, Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Básica, Fundação Orsa, 2011.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil**. Fundamentos e método. Os primeiros passos da história da educação infantil no Brasil. 8ª Ed. São Paulo: Cortez. 2007. (Coleção Docência em Formação).

OLIVEIRA, Zilma Moraes R. **Educação infantil**: fundamentos e métodos. São Paulo; Cortez, 2008 (Coleção Docência em Formação).

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1995.

PEREIRA, Júlio César R. **Análise de dados qualitativos**: Estratégias metodológicas para as ciências da saúde, humanas e sociais.-3.ed.1.reimpr.- São Paulo:São Paulo ,2004.

ROCHA, Maria Silvia Pinto de Moura Librandi da. **Não brinco mais**: a (dês)construção do brincar no cotidiano educacional. 2.ed. Rio Grande do Sul: Unijuí, 2005.

VEIGA, Cyntia Greive, 1958- **História da educação**. São Paulo: Ática, 2007.328p.- (Ática, Universidade).

APÉNDICE



Universidade Federal
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação
Campus de Cajazeiras - PB



OS JOGOS E BRINCADEIRAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Disciplina: Monografia – Cr: 04 – Ch: 60

Docente: Prof. Dr. Anne Cristine

Discente: Cristiane Virgolvinha Rodrigues

1- Dados de identificação do professor:

Nome: _____

Escola: _____

Idade: _____ Sexo: _____ Carga Horária: _____

Formação básica: _____

Pós-graduação: () Sim () Não - Qual(is):

Tempo de atuação no magistério: _____

Tempo de atuação na escola em que está: _____

Concursado: () Sim () Não

Em caso de SIM, há quanto tempo: _____

2. Questões: Para o professor (a)

2.1 - Qual sua concepção sobre o lúdico no ensino aprendizagem?

2.2 - Você tem conhecimento teórico sobre o tema “lúdico”?

2.3 – Que diferença você estabelece entre a brincadeira e o jogo didático?

2.4 -Qual a função do brinquedo como recurso didático?

2.5 -Você utiliza meios lúdicos como atividade em sala de aula?

2.6 -Quais os brinquedos disponíveis na escola de acordo com os níveis de desenvolvimento cognitivo da criança?

2.7 -Qual a disponibilidade de espaço que a escola oferece para as crianças brincarem?

2.8 -Qual o tempo disponível para as crianças brincarem?

2.9- Quais os jogos e brincadeiras mais freqüentes feitas pelas crianças na escola?

2.10 -O ato de brincar influencia no desenvolvimento da aprendizagem?

2.11 -No Planejamento da escola há espaço para o trabalho lúdico, e interdisciplinaridade na área?

2.12 -A coordenação pedagógica contribui para o seu trabalho em sala de aula?

2.13 – Na sua opinião qual a contribuição dos jogos e brincadeiras na aprendizagem.
